Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904

POTENCIALIDADES NARRATIVAS DE FOTO-GRAFIAS DE CIDADE

Livia Dias de Azevedo [1]
liviadias2@gmail.com

Resumo
O presente texto aciona memórias, literaturas e fotografias, para re-compor narrativas potentes da cidade. Aciona, também, as reflexões de Boaventura (2006), Cazzeta (2009, 2013), Oliveira Júnior (2006, 2013), Sodré (1991) e Massey (2012) para "ler" as foto-grafias da cidade de Feira de Santana, importante cidade média do interior da Bahia. Discute um tema que a atravessa, marca e projeta: a modernidade e suas variadas formas de progresso. Feira de Santana busca signos da modernidade, o que lhe garantiria um eterno frescor, um constante por-vir. Desse modo, promove-se visibilidade ao que a modernidade quer esconder, sombrear, desiluminar: a feira-livre. Assume-se que a feira estimula sensibilidades e se expressa como lugar de aprendizagens diversas. Por fim, interessa que professores e estudantes re-criem a possibilidade de reinventar a cidade, o espaço, o lugar e o mundo.

Palavras-chave
Cidade, Narrativas, Imagens, Aprendizagens.

POTENCIALIDADES NARRATIVAS DE FOTO-GRAFÍAS DE CIUDAD

Resumen
El presente texto acciona memorias, literaturas y fotografias, pra (re)compor narrativas potentes de la ciudad. Acciona, también, las reflexiones de Boaventura(2006), Cazzeta (2009, 2013), Oliveira Júnior (2006, 2013), Sodré (1991) y Massey (2012) para "leer" las foto-grafías de la ciudad de Feira de Santana, importante ciudad mediana del interior de Bahía. Discute un tema que la atraviesa y proyecta: la modernidad, lo que le garantizaría un eterno frescor, un constante por(venir). De ese modo, se promueve visibilidad al que la modernidad quiere esconder, sombrear, sacar la luz: la feria libre. Se asume que la feria estimula sensibilidades y se expresa como sitio de aprendizajes diversos. Por fin, interesa que profesores y estudiantes (re)creen la posibilidad de reinventar la ciudad, el espacio, el lugar y el mundo.

Palavras clave
Ciudad, Narrativas, Imágenes, Aprendizajes.

[1] Profª Assistente do Departamento de Educação. Universidade Estadual de Feira de Santana - BA. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Avenida Transnordestina, S/N. Bairro Novo Horizonte. Feira de Santana (BA). CEP 44036-900

Para início de conversa...

Quero iniciar esta conversa convidando professores de geografia a pensarem comigo geografias locais, no contexto das cidades médias. A perspectiva é que possamos, juntos, refletir – com um olhar de dentro, e por isso, horizontal e não hierárquico, sobre as nossas memórias, histórias, imagens e paisagens urbanas possíveis.

Inicialmente, é importante informar, também, que este texto se inspira, principalmente, nas reflexões de Oliveira Júnior (2006, 2009, 2011, 2012, 2013) e Cazzeta (2009, 2013). Estes pesquisadores me serviram de inspiração primeira na reflexão e discussão das ideias que atravessam este trabalho.

A minha paixão e encantamento pela cidade é de longa data... Cresci ouvindo as muitas histórias de meus pais – dois migrantes do campo - sobre as rápidas e intensas transformações acontecidas na cidade que eles escolheram e que os escolheu para morar: Feira de Santana/Bahia. É... porque a cidade também nos escolhe! A cidade somos nós, as pessoas, e os significados que damos aos elementos do conjunto espacial, a cidade nos escolhe, justamente, nessa relação entre pessoas e significados.

A cidade nos toca quando somos acolhidos pelas pessoas. Em se tratando especificamente de Feira de Santana, pode-se dizer que é uma importante cidade média nordestina e brasileira, a maior do interior da Bahia. Suas articulações políticas, econômicas e culturais têm longo alcance – tão longo que 'rouba' moradores de outros lugares e "toca" seus nativos quando eles escapolem...

Neste texto, expresso os meus *nexos-experiências* sobre a cidade de Feira de Santana, minha cidade de nascimento, moradia, trabalho e vida. Nesses *nexos-experiências*, tento alinhavar um conjunto de experiências: as memórias dos meus pais que passam (em parte) a serem minhas também, a literatura, a fotografia e as minhas próprias narrativas decorrentes, potentes.

Para falar sobre minha cidade, elegi um tema que a atravessa, marca e projeta: a modernidade e suas variadas formas de progresso. Desse modo, quero, também, provocar sensibilidades derivadas da *cidade-feira*[2]. Feira de Santana busca signos da modernidade, o que lhe garantiria um eterno frescor, um constante por-vir. Em minha travessia na/da cidade, quero promover visibilidade ao que a modernidade quer esconder, sombrear, desiluminar. Desejo que esse texto estimule professores de geografia a experimentarem a cidade a partir das sensibilidades provocadas pela paisagem. Essa

[2] Uso o termo cidade-feira para demostrar que a história, geografia e memória da cidade está intrinsecamente ligada a feira-livre. É na feira-livre que a cidade se manifesta.

experimentação pode ser mediada pelo corpo, ou pelas imagens mentais, visuais, sonoras...

Para este ensaio, trago duas fotografias que expressam as Feiras de Santana que se transmutam em *espaçostempos*[3] de mudanças. As imagens co-movem[4], re-encontram e re-inventam memórias, histórias e geografias. Como esclarece Cazzeta (2009, p. 84) "as fotografias não nos apresentam nenhum tipo de conhecimento, pois este não emana delas, mas sim dos diálogos – mediados pelos contextos culturais históricos – que produzimos entre elas e as pessoas".

Tento criar um contra/outra narrativa em relação ao discurso hegemônico instituído sobre a modernidade urbana. Nesta travessia, atravesso a cidade através das fotografias e deixo elas me atravessarem, re-compondo e re-colorindo imagens que me sensibilizam, imagens que me permitem vi-ver e, por meio das quais, dialogo com esta cidade em diferentes *espaçostempos*: uma Feira de Santana que, dentre tantas outras, pode aflorar das imagens e percepções cotidianas.

A narrativa aqui não toma o sentido de descrever, mas de re-interpretar, re-inventar, re-ver e, se nos permite, olhar de novo, não pode ser imóvel, nem tampouco definitiva, como ensina Benjamim (1987). Ao contrário, livre, dinâmica, possibilita outras narrativas, imaginários diversos.

Não é meu interesse, nesse momento, discutir distanciamentos e aproximações entre imagem e realidade. Acredito que os textos, principalmente, do Oliveira Júnior (2009, 2012) e da Cazzeta (2009) contornam, com propriedade, esse tensionamento. O primeiro, por exemplo, toma a imagem como uma versão do mundo e não a própria realidade e/ou sua representação. Nesse mesmo sentido, Cazzeta (2009) esclarece que as imagens apresentam o que é real ou realidades geográficas diversas. A imagem, dessa maneira, dissolve e cria realidades. Isso quer dizer que as imagens re-inventam, apresentam realidades – lugares geográficos.

---

[3] Tomo essa expressão de Nilda Alves e Inês Oliveira (2004). As autoras dizem que sentem necessidade de escrever os termos juntos para mostrar a importância de superar os limites do modo dicotomizado moderno de pensar. Ou seja, há uma imbricação, uma relação íntima entre os dois termos de modo que não podem ser pensados separadamente.

[4] Utilizo esses termos para juntar e separar palavras em jogos de leituras e releituras que possibilitam significados diversos.

Entre textos e com-textos: narrativas da/na cidade

Para nos fazer imaginar a cidade, Boaventura (2006) apresenta a Feira de Santana da década de 1940 e se mostra observador atento as paisagens, culturas, costumes e histórias da cidade. Traz, dessa forma, importantes contribuições para se pensar a vida urbana no sertão:

> Em 1940, daí para frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. Como seguro petargo de progresso, da noite para o dia, o comércio sacudiu a cidade. Ondas e mais ondas e mais ondas de nortistas, de nordestinos, sobretudo, de nordestinos bem intencionados, por aqui batiam. Outra já era a linguagem ouvida pelos cantos da rua, no meio das praças, no campo-do-gado, até mesmo na então heráldica e orgulhosa Avenida Senhor dos Passos. Elogiavam-se ou saudavam-se os arrivistas com expressões envoltas de poeira quente: Cabra da peste! Cabra da bicha! Filho da gota serena! E aqui e ali burburinho de sombras saltando de paus-de-arara, de auto-ônibus de longe, de muito longe. A maioria dos que pulavam dos carros se enquista na cidade, se ajeita no comércio. Acomoda-se depois, na sociedade, em tudo. Vira até doutor. [...] E aquela gente, até então desconhecida feirensezou-se. Viraram muitos dos chegantes bons comerciantes de vulto. [...] Agitou-se a cidade (BOAVENTURA, 2006, p. 84).

A narrativa desnuda a mudança na paisagem e coreografa seus movimentos, os sotaques e as expressões linguísticas que foram percebidos e incorporados pelas pessoas que compartilhavam a vida urbana da época. Houve, aparentemente, uma aceitação mútua entre aqueles que chegavam e os feirenses residentes. A diversidade de origens das pessoas, que migravam para a cidade, aguça busca de identidades: "... de onde em onde a interjeição de desconhecido nome: quem é? É um pernambucano. Belo palacete! É de um paraibano. Boa loja! É de um cearense. Bem sortido armazém! É de um alagoano." (BOAVENTURA, 2006, p. 85).

Percebo que, de algum modo, Feira de Santana se desloca do Nordeste e se torna lugar-destino, numa perspectiva de vida melhor para nordestinos e nortistas. Uma outra atmosfera impregna a cidade, viabilizada pelo encontro de pessoas, memórias e culturas. Esta é uma variável fundamental ao estudo da cultura de Feira de Santana, cidade que, indiscutivelmente, se consolida como de médio porte e palpita o desejo de se tornar uma grande metrópole. A mistura de pessoas de todas as partes, com seus hábitos e modos de viver, inventa alquimias que forjam as culturas dessa cidade.

Um contato multicultural mais constante e comportamentos diversos são agenciados pelas mídias e meios de comunicação. Os meios de comunicação também são capazes de produzir mudanças culturais locais, na medida em que veiculam produtos, comportamentos e modos de viver na cidade.

Resguardando-se as devidas proporções, na cidade média há um viver semelhante ao de uma metrópole ou cidade grande: shopping center, hiper-supermercado, sistemas públicos de saúde, transporte e segurança, boates, casas de shows, parque de exposições e outros. A feira migra de cidades pequenas e de cidades antigas para cidades médias, modernas. Chega nas metrópoles como mega eventos e assume ares modernos em quaisquer lugares...Porque o que se vende tem outro valor.

E... o "bicho" chegou a Feira...

A respeito da celebrada modernidade trazida pelas indústrias, Sodré (1991) fez um panorama ficcional da Feira de Santana, explorando arranjos de seu espaço e de seus hábitos socioculturais de 1964. É preciso dizer que assim como a narrativa derivada da imagem, a literatura de Sodré se descola da "realidade", não portando a intenção de representá-la. É um olhar, dentre tantos outros, da cena urbana.

Em uma irreverente e inteligente relação, comparou o emergir da modernidade feirense à chegada de um "bicho" temido e, ao mesmo tempo, desejado. Para desenvolver o seu cenário, criou personagem de alcunha Antão Pereira Neves, homem de sessenta anos de idade. Mulato, filho de negra liberta, alto e forte, vindo de um vilarejo do recôncavo baiano. Aprendeu a ler e a escrever sozinho e tornou-se dentista: "Desde menino, Antão acostumou-se a temer a chegada do "bicho". Súbito, sussurrada, vinha a notícia: o "bicho" vai chegar a Feira" (SODRÉ, 1991, p.12).

Mesmo sob o pretexto de um texto ficcional, Sodré (1991), para escrever, narrar, expressar a cidade e o sertão da Bahia, utilizou dados e informações do cotidiano de Feira de Santana, em 1964, mencionando jornais, nomes de ruas, hábitos de vida e pessoas que fizeram parte da história "oficial" da cidade.

Sodré (1991) narrou mudanças ocorridas no modo de organização sócio-espacial da cidade:

> A cidade cresceu, sim, mas perdendo um bocado na razão do nome, da exuberância da feira de gado e produtos da roça. De cada cidade do sertão partia uma especiaria para achar lugar certo no imenso mercado em que se transformavam [...] as ruas de Feira (SODRÉ, 1991, p.13).

Então já percebia que o cotidiano mudara, os ares da dita modernidade já se espraiava pela cidade e a *cidade-feira* desenhava outros significados.

A modernidade/ o "bicho" se revelava e, em 1977, aconteceu a realocação da antiga feira-livre, localizada no centro da cidade, que não legou apenas nome à

cidade, mas, sobretudo, tornou-a conhecida como importante centro comercial e cultural do nordeste brasileiro. No espaço onde a feira-livre acontecia, as trocas comerciais, talvez, fossem coadjuvantes, se comparadas à atmosfera sócio-cultural que envolvia a todos, porque a feira se constituía como o lugar do encontro de pessoas, artistas, cordelistas, turistas, estudantes, comerciantes, enfim, homens, mulheres e crianças.

Para Le Goff (1998, p. 26) as "atividades econômicas que se instalam no próprio coração da cidade são essencialmente os locais de abastecimento". Em Feira de Santana, a feira-livre se localizava exatamente no coração da cidade. De fato, aquele não era tão somente um local central de abastecimento, mas, principalmente, se afirmava como lugar geográfico: lugar de afetividades, laços entre pessoas e espaços, vitalidade da cidade. Talvez, exatamente por ser coração, a feira-livre, mesmo pulverizada, como se encontra hoje, ainda está tão presente nos múltiplos espaços da cidade, a feira pulsa!

A esse respeito, Sodré (1991) diz que

> a sorte fizera dela [Feira de Santana] ponto de encontro baiano entre o sertão e o litoral. Para ali acorriam fazendeiros de outros Estados, roceiros, comerciantes de todos os gêneros e comidas que sustentavam o povo do interior. De cada cidade do sertão partia uma especiaria para achar lugar certo no imenso mercado em que se transformavam, toda segunda-feira, as ruas de Feira. Então guardava na cabeça o mapa da saciedade. Podia desfiar na hora o rosário dos produtos e suas origens. Requeijão, melado, rapadura, feijão, farinha, marmelada, bode, boi? Anguera, Tanquinho, Santo Amaro, Irecê, Nazaré, Jacobina, Ipirá, Mundo Novo! Mais? Orobó! Xique-Xique! Itiruçu! (SODRÉ, 1991, p.13)

Percebo elementos importantes para pensar a diversidade de influências de cidades do(s) sertão(ões) na composição da cultura feirense, onde convergiam cidades, pessoas, hábitos, modos de ser, de vender, performances. Observo que há deslocamento do sertão, na medida em que se inserem duas cidades do recôncavo baiano, Santo Amaro e Nazaré, ao sertão de 1964 - isto pode indicar que o litoral se resumiria estritamente à capital, Salvador, enquanto o sertão envolvia todos os outros espaços do território baiano.



Figura 01: Antiga feira-livre, Praça João Pedreira, década de 1970.
Fonte: Gama, 2000, por Silva, 2008.

Assim como nas foto-grafias, a feira tinha seus encantos e magias, como o encontro das pessoas, dos amigos, a parada para ver e escutar o artista que se apresentava, a busca pelos livretos de cordel que contavam a saga dos homens nordestinos, como o famigerado Lampião, por exemplo. A expectativa das novas ações do Lucas da Feira[5], as negociações dos comerciantes de gado e de toda espécie de animais. Estabelecia-se um cotidiano sob a forma de cultura sertaneja. Toda essa vida cultural foi praticamente esquecida com a retirada da feira para o centro de abastecimento[6], desconcentrando, fragmentando e distribuindo a cultura sertaneja pela cidade, mesmo que esta possa, no primeiro momento, parecer inexistente ou invisível no espaço urbano. De lugar de encontro... a feira se transformou em lugar de partilha, de partida: *part-idas*.

[5] Feirense, filho de escravos e escravo fugido que vivia nos arredores da cidade de Feira de Santana em meados do século XIX. Hoje, se estabelece como um dos principais personagens do imaginário coletivo e da história local da cidade. É um personagem que estimula inquietações.

[6] Centro de compras, formado por galpões, boxes, barracas. Com o fim da feira-livre os vendedores foram encaminhados ao centro de abastecimento. Nele é comercializado, basicamente, produtos alimentares vindos de vários estados do país.



Figura 02: Antiga feira-livre, Praça João Pedreira, década de 1970.
Fonte: Gama, 1994.

Percebo, quase ouço, a intensa movimentação de pessoas e carros na Praça João Pedreira nos dias de feira-livre. Observo também que a feira se estende em direção à Avenida Senhor dos Passos, impossibilitando o fluxo de veículos nessa área. Ou seja, o trânsito era interrompido para que a feira se realizasse em uma cidade com quase 200.000 habitantes, e isto pode ser verificado não apenas pela distribuição da feira nas ruas, mas pela presença dos semáforos, indicando que nos espaços destinados à passagem dos carros, agora se estabeleciam pessoas, barracas e mercadorias diversas, enfim: entrecruzamento de histórias, observar as figuras 01 e 02.

Juarez Bahia narra a intensa movimentação que ocorria em Feira de Santana durante a feira-livre:

> [...] todo mundo se encontra e se reencontra na feira, para comprar ou para assuntar, para falar ou para ouvir, para aprender ou para ensinar. Venha, venha à Feira de Santana numa segunda-feira, com seus tabaréus, seus sertanejos, seus matutos, seus forasteiros, seus comerciantes, seus pensadores, seus poetas, seus sábios, seus macumbeiros, seus oradores, suas mulheres, seus artífices, seus mestres, seus negociantes, seus coronéis (BAHIA, 1986, p. 157).

É instigante pensar na ideia de densidade, movimento, aglomeração de pessoas, carros e barracas expressas pelas imagens (figuras 01 e 02). Em consonância

com o colorido da arquitetura, está também o colorido procedente das pessoas, dos produtos, enfim da feira-livre. O colorido da fotografia e da própria feira inebria o lixo, a sujeira, as contradições sociais e as condições insalubres de trabalho.

É interessante pensar na ideia de que os hábitos estão agregados aos produtos e, portanto, também são negociados no mercado. Assim, através dos produtos, os hábitos são figurados e construídos; os produtos instauram hábitos, costumes, práticas, e são vendidos, negociados na praça-mercado, que se constitui espaço de consumo e de realização do hábito de comprar e vender na rua.

Maxado[7], em entrevista ao jornal Correio da Bahia (2004, p. 57), relembra que o sexo também era comercializado na feira, "escancaradamente comercializado no bairro Minadouro (assim chamado porque, além do sêmen nos dias dos pobres amores, minava muita água naquele solo de carências humanas)". Ainda no mesmo jornal, Hugo Navarro[8] conta da proeza de Ferreirinha, um alagoano de família de exímios mecânicos, que confeccionava revólveres e os revendia em uma das ramificações da feira-livre, no Beco do Mocó: "Ferreirinha fazia revólveres raiados e de mola de caminhão, respeitados pela qualidade do produto, por "artistas" e "bandidos" do bangue-bangue real da cidade. As armas eram vendidas abertamente" (JORNAL CORREIO DA BAHIA, 2004, p. 54).

Ainda, segundo Bahia (1986, p. 156), "a feira ferve na segunda-feira, a feira urbana, do comércio doméstico [...] entre essa feira e a feira do gado, na Queimadinha[9], Florêncio[10] se movimenta, se agita e se realiza." A feira-livre urbana se constituía como importante convergente cultural e identitário, afirmando-se como âncora da memória coletiva da cidade, em função da sua forma espacial que concentrava e juntava mercadorias e pessoas que vivenciavam múltiplas experiências espaciais. Em resumo, era o lugar da multiplicidade cultural e, de igual forma, lócus da identidade coletiva.

O texto de Bahia (1986), contudo, foge da narrativa hegemônica e descreve a face não romântica e pitoresca da feira. Destaca, dessa forma, seus preconceitos, tensões e conflitos econômicos e étnicos:

> [...] esses homens, mulheres e crianças que movimentam suas ilusões construídas em suores de três dias em cada semana, para estar na Feira de Santana sexta-feira e dormir no relento, na frieza, a esperar o comprador,

[7] Feirense de nascimento, cordelista, poeta, escritor, jornalista e advogado.

[8] Hugo Navarro Silva é advogado, ex-vereador e ex-deputado estadual pelo município de Feira de Santana. Está à frente do jornal Folha do Norte, um dos poucos jornais locais ainda em circulação na cidade.

[9] Bairro localizado próximo ao centro da cidade de Feira de Santana.

[10] Personagem criado pelo autor.

> habitam choupanas com uma ou duas aberturas que servem de porta e janela, são casas de taipa, com paredes de barro [...] são pobres como os pretos [...] embora brancos às vezes de olhos verdes, azuis, os que assim são também como pretos são tratados porque são pobres, chegam e saem, entram e saem da feira como anônimos, entram na cidade silenciosos, com seus objetos na cabeça, ou nos ombros, ou na carroça, ou na cangalha dos animais, dos poucos animais que têm para carregar seus produtos e voltam, montados ou a pé, a cada semana (1986, p. 157-158).

Naquela Feira de Santana de até 1977, a feira-livre era também o lugar da identidade espacial, social, da pertença, da construção dos laços de amizade e afetividade, do reconhecimento de si e do outro. Assim, a concentração de pessoas e mercadorias e a disposição dos produtos à venda favoreciam o contato com o outro e favoreciam, também, os espetáculos e performances dos vendedores e artistas populares. O lugar era vivido de forma intensa. A feira permitia a visualização da segregação social, daqueles que compravam muito ou pouco, daqueles que vendiam em barracas ou em carros de mão, e daqueles que acompanhavam seus empregadores/patrões.

Mais uma vez, em função da ideia quase obsessiva pelo progresso e, segundo Moreira (1986), por querer se aproximar de um pretenso modelo ideal de cidades de grande porte como Salvador e São Paulo, reorganiza-se, redesenha-se e desloca-se o espaço e a memória coletiva de uma cidade.

É importante dizer que a memória coletiva de uma sociedade está também expressa no seu espaço. Logo, quando um espaço é modificado, transformado de forma intensa, a memória também sofre mudanças, podendo ser fragmentada, confusa, ou ainda apagada.

O esquecimento em relação à feira-livre pode está associada a uma ideia de pobreza, de atraso, de (des)progresso, de ruralidade, de sujeira e feiura elementos que não caberiam à modernidade almejada pelas cidades médias, sobretudo, as nordestinas, sertanejas. Ferreira (2003, p. 76-77), por sua vez, relaciona memória, cultura, esquecimento e poder, esclarece que "o esquecimento é um mecanismo explorado por uma instituição hegemônica, tendo em vista excluir da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva." Contudo, a memória da feira-livre de Feira de Santana está presente e viva a partir de suas reminiscências e ressonâncias redistribuídas, diluídas, pulsantes nos espaços da cidade.

Dessa forma, os objetos, as formas materiais e espaciais operariam sobre a consciência coletiva por meio da percepção que se tem desses objetos e formas, e não apenas pela existência física. A percepção é o que alimenta as memórias e esta é (re)construída em um contexto social, coletivo. As lembranças se con-fundem, podem se

con-fundir com as lembranças de outras pessoas ou ainda não serem efetivamente pessoais, mas passam a ser através de experiências advindas da oralidade, do espaço ou de outro veículo, desde que as pessoas envolvidas façam parte dos mesmos grupos sociais.

Não vejo uma preocupação, pelo menos explícita, com a geografia, história e a memória da feira-livre. Diversas práticas culturais, como o vendedor de pomada do peixe elétrico[11] e do sebo de carneiro[12], os vendedores de lelê[13], os artistas que se apresentavam na feira, os cordelistas, as performances específicas daquele dia de feira, a feirinha[14] e tantas outras são desconsideradas. Observo, também, um cunho depreciativo em relação à imagem da feira, dos seus modos e de suas gentes.

Grafias (in)visíveis, aprendizagens em aberto...

E a feira-livre, hoje, em 2013? A grande feira-livre foi retirada do centro da cidade e alocada num espaço conhecido como centro de abastecimento, um grande mercado que articula, através das entradas e saídas de caminhões, as regiões sudeste, norte e nordeste brasileiras. O centro de abastecimento não acolheu todos os feirantes, basicamente, por dois motivos: nem todos conseguiram um espaço definido pela prefeitura municipal e mesmo com a tentativa de se acomodar nos vãos do centro de abastecimento não havia espaço suficiente para todos; associado a isto a necessidade de proximidade do público consumidor.

Dessa forma, a antiga e a nova feira se distribui(u) pelo espaço do centro da cidade, criando presença nas principais e centrais, diga-se, ruas e avenidas da cidade. Isso quer dizer que a feira-livre é elemento marcadamente presente na paisagem e na cultura urbana de Feira de Santana em 2013. A feira resiste, persiste, insiste.

Mas, a história e a geografia da feira-livre não estão nos livros didáticos, na maioria das vezes não estão nas falas dos professores e quando estão, têm quase sempre

[11] Pomada vendida em embalagem de metal, que tem como chamariz um peixe dentro de um recipiente com água que, segundo o vendedor, foi extraída daquele peixe que emite eletricidade.

[12] Pomada feita da banha do carneiro, utilizada para dores nas articulações.

[13] Mingau de boa consistência à base de creme de milho, leite, açúcar, cravo e canela. É servido cortado em forma de quadrado.

[14] Feirinha, segundo Vicente Deocleciano Moreira, era a parte da feira onde eram servidos os pratos típicos da culinária local/regional e as bebidas à base de cachaça e folha "podi" (folhas de plantas diversas em infusão). Esse termo ainda hoje é de uso corrente na cidade e designa, agora, as outras feiras-livres locais, especialmente as do setor alimentício da feira do bairro Estação Nova. A feirinha da Estação Nova, por exemplo, é bastante conhecida pela sua culinária farta de mocofato, cuscuz com fato, sarapatel, feijoadas e outras, servidas com a cachaça com folha "podi".

um ar pitoresco, exótico, quase uma alegoria. Nesse sentido, Massey (2012) nos ensina que existem histórias hegemônicas as quais se sobressaem a todas as outras pretensamente subhistórias ou nãohistórias.

Talvez, por isso, os nossos alunos tenham, ainda, um certo receio em falar sobre as suas relações com a feira-livre. Intriga-me pensar que muitas histórias poderiam compor um conjunto de geografias locais, a partir das memórias que poderiam emergir das experiências com a feira. Mas, essas *histórias-narrativas* ficam silenciadas pela força de uma imagem depreciadora. É uma memória velada, escondida que não deve ser exposta porque pode localizar uma posição *econômicosocial*. Muitos alunos não dizem, por receio, que suas histórias estão ligadas a feira-livre: seus pais, irmãos, tios, seus laços. Dessa forma, não seria necessário re-pensar a imagem de *cidade-feira*?

O centro de abastecimento da cidade de Feira de Santana se constitui como uma reminiscência e, ao mesmo tempo, uma expressão da antiga feira-livre da qual a cidade legou o nome. O centro de abastecimento se mostrou pequeno para abrigar a antiga feira, por isso, os feirantes se espalharam pelos espaços sobrantes, vazios, inclusive da cidade. A feira é uma centralidade não apenas porque para ali convergem mercadorias e capitais, mas, principalmente, porque convergem histórias, estórias, geografias, memórias, magias: sensibilidades.

O som, o barulho da feira é confuso, múltiplo, variado, ao tempo em que se ouve o burburinho das falas, da conversa, da negociação, se ouve também as músicas, ultimamente aqui na Bahia: o arrocha. Os arrochas são muitos... assim como os sons e os barulhos da feira. Misturados aos arrochas, falas, gritos e cantos de passarinhos estão as risadas, posso dizer mesmo, as gargalhadas. As pessoas que fazem a feira são abertas à espontaneidade, há espaço para a gargalhada, mas ela não constrange, nem é reprimível, mas agregadora, vai-se agregando pessoas a um "causo", ou a uma situação, o sorriso farto contagia.

A geografia da feira segue uma lógica própria, assim, os aromas, cores, sons, a concentração de carros e de pessoas nos informam onde estão os produtos. Somos tomados! Sim, a feira nos atravessa... A matemática da feira também é diferente e segue outras racionalidades, o quiabo é vendido por mão, por exemplo, 25 quiabos são 5 mãos de 5 quiabos, lógico! Já a abóbora é vendia por talhada (fatia), quantas talhadas tem uma abóbora? A farinha e o feijão não são vendidos por quilo, mas por litro e assim vão se construindo histórias, geografias e matemáticas.

Todos os produtos são passíveis de negociação e a contra-argumentação vai sendo elaborada. Sempre pode ser um pouquinho para mais, para menos nunca! Uma

mão de quiabo, amendoim, castanha, acerola... são bônus da negociação. Fatura aqui é duplicata, mas o que é mesmo uma duplicata?

O aroma, o perfume das frutas, folhas, carnes, peixes e cereais são intensos, na mesma intensidade é o cheiro da lama, da sujeira que acompanha quase todo o espaço da feira. Mas, a feira não é espaço de limpeza, não? A feira, quase sempre, indica uma condição econômica, isso, geralmente, define uma infraestrutura espacial.

Os corpos de homens, mulheres e crianças bailam, dançam, quase flutuam na grande feira-livre, são corpos "indisciplinados" e suas performances são conduzidas pelas memórias e hábitos da própria feira. Essas pessoas portam cores, no figurino da feira o corpo pode ser exposto, mostrado, olhado, admirado, erotizado. Na feira, os corpos expostos e admirados inventam outros modelos de beleza...

Na feira, também há espaço para o culto: em meio a feira um grupo de evangélicos ora, canta, lê a bíblia, ligeiramente ao lado, o arrocha toca, a tevê mostra e as pessoas passam... Estranho, ninguém reclama!

Há uma multiplicidade de fazeres e sentires que provocam intensamente a nossa percepção. A vendedora no corre-corre do movimento encontra pausa para fazer a unha, ver a revista de cosméticos, arrumar o cabelo, comer, beber, conversar, rir, fumar e... atender ao freguês! É, dessa forma, que o espaço se re-compõe, des-compõe e se re-inventa, diariamente.

Apesar da precária infraestrutura de trabalho e vivência física com o lixo, falta de água, banheiros, higiene... pouca tristeza se ver ao mirar, fitar um feirante, é um olhar de luta, de enfrentamento, raras vezes se encontra a tristeza. Ali nunca a encontrei...

Na feira se aprende sobre a relativização das classes sociais. Existe, assim como no mundo, uma hierarquização do trabalho, o feirante, dono do seu próprio negócio é mais valorizado nesse mercado que o carregador que muitas vezes não é dono nem do seu instrumento de trabalho: o carro de mão.

Cartografia de cores, sons, odores, sabores... que inventam ou apresentam um espaço de potencialidades, mais aberto as percepções, e, por isso, é móvel, impreciso, cambiante, tênue e altamente dinâmico, ou seja, um espaço vívido como pensa Massey (2012, p. 34-35):

> é necessário é arrancar o "espaço" daquela constelação de conceitos em que ele tem sido, tão indiscutivelmente, tão frequentemente, envolvido (estase, fechamento, representação) e estabelecê-lo dentro de outro conjunto de ideias

> (heterogeneidade, relacionalidade, coetaneidade... caráter vívido, sem dúvida) onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora.

A feira é travessia e in-ventos. É preciso dizer que é o meu olhar, são meus *nexos-experiências* e o meu repertório que compõem essas imagens da feira.

Tempo para a pausa na conversa...um hiato!

No primeiro momento, talvez, pode causar estranhamento o termo *cidade-feira*, visto o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana como importante cidade média brasileira, mas entendo que a feira ou as feiras distribuídas por toda cidade pulsa(m) e im-pulsiona(m) o seu crescimento econômico e espacial.

Precisamos re-pensar um pouco mais sobre os por quês e como a perspectiva de atraso, sujeira e feiura imprime um valor depreciativo em nós nordestinos, feirenses. Isso pode implicar um sentimento de negação em relação à geografia e à história do nosso próprio lugar, uma rejeição e a sensação de inferioridade em relação àquelas cidades que forjam uma outra imagem: moderna, tecnológica que é também des-colorida e fria.

A feira é linda, assim como a *cidade-feira*, que provoca os sentidos, com suas cores, contos, vozes, ruídos e zoadas, seus perfumes, odores e suas gentes que in-formam o/um espaço.

Mas, como não direcionar o olhar? E oferecer as sensibilidades olhares múltiplos e diversos? E mais, como desconstruir, ressignificar, re-valorar olhares já direcionados e contaminados por uma cultura hegemônica? Como abrir as sensibilidades para experienciar o espaço de forma aberta e transitória que derive imagens e cartografias coloridas, divertidas e cotidianas? Acredito que essas são questões importantes e precisam ser re-pensadas por todos nós, professores de geografia.

Os grupos nos referendam como sujeitos coletivos e sociais, por isso as identidades da/com a feira podem ou não aflorar de acordo aos grupos nos quais transitamos. Enquanto a cidade pode rejeitar, o campo pode orgulhar-se de compor a feira, ou seja, o grupo referenda ou não a cultura da/na feira.

Muito, ainda, temos a aprender com a feira, a cidade e a *cidade-feira*, são vivências potentes de aprendizagens múltiplas: gestos, danças, comportamentos, performances, hábitos essa geografia é tecida no cotidiano da vida que alinhava pessoas e espaços.

Tento por em evidência os por quês da necessidade da feira recorrer à escola (ou vice-versa) para tratar de temas que são importantes para as cidades médias nordestinas e baianas e, sobretudo, para aquelas cidades que tem sua origem ligada a ruralidade e que ainda hoje mantém um laço com atividades e culturas do campo, roça me interessa que professores e estudantes re-criem a possibilidade de reinventar a cidade, o espaço, o lugar e o mundo.

Referências

ALVES, Nilda; BARBOSA, Maria Inês. Imagens de escolas: espaços-tempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 86, p. 17-36, jan./abr. 2004.

BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas I.** Magia e técnica, arte e política. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Tradução Sérgio Paulo Rouanet.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem:** memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2006.

CAZETTA, Valéria e Oliveira Júnior, Wenceslao (orgs). **Grafias do espaço:** Imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2013.

CAZETTA, Valéria. O status de realidade das fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. Revista **Pro-Posições**. Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 71-86, set./dez. 2009

EMPÓRIO do sertão. Memórias da Bahia II. **Jornal Correio da Bahia.** Salvador, jan. 2004.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 73-127.

GAMA, Raimundo Goncalves. **Memória fotográfica de Feira de Santana.** Feira de Santana, Ba: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: Arantes, Antonio A. (orgs.) **O espaço da diferença**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; Holzer, Werther; Oliveira, Livia. **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. Projeto memória da feira livre de Feira de Santana. A feira está morta. Viva a Feira. ***Sitientibus***, n° 5, p. 171-176, jan./jun, 1986.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. ; SOARES, Elaine dos Santos . Fotografias didáticas e geografia escolar entre evidências e fabulações. **Percursos** (Florianópolis. Online), v. 13, p.114-133,2012. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/2806/2200>. Acesso em 08 julho 2013.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. Fotografias, geografias e escola. In. 17 Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, **Anais**.... 2009, Disponível em <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_1364.pdf>. Acesso em: 05 agosto 2012.

_____. Desenhos e escutas. In: 29 Reunião Anual da ANPEd, 2006, Caxambu-MG. **Anais** da 29 ReuniãoAnual da ANPEd, 2006. p. 1-15.

_____. Lugares geográficos e(m) locais narrativos - um modo de se aproximar das geografias de cinema. In: Marandola Jr, Eduardo; Holzer, Werther; Oliveira, Lívia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** 1ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, v. 1, p. 119-154.

_____. Fotografias dizem do (nosso) mundo - educação visual no encarte Megacidades , do jornal O Estado de S. Paulo . In: Ivaine Maria Tonini; Ligia Beatriz Goulart; Rosa E. M. W. Martins; Antonio Carlos Castrogiovanni; Nestor André Kaercher. (Org.). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, v. 1, p. 245-257.

SODRÉ, Muniz. **O bicho que chegou a Feira.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Recebido em 21 de agosto de 2013.

Aceito para publicação em 12 de novembro de 2013.